

Carmencita de H. Mello Ditzel



“VERDE QUE TE QUERO VERDE”: O Integralismo nos Campos Gerais

Carmencita de Holleben Mello Ditzel*

Resumo

O objetivo desse texto é apontar algumas variáveis que contribuam para a compreensão do movimento integralista e repercussão de seu ideário nos Campos Gerais nos anos 30 e 50.

Palavras-chave: Integralismo, Cultura, Campos Gerais, Política.

Abstract

This text aims reflect upon some variables which may contribute to the understanding of the integralist movemnt and effects of its ideas in Campos Gerais during the thirties and fifties.

Keywords: Integralism, Culture, Campos Gerais, Politcs.

Introdução

Nem Juscelino, nem Adhemar. Plínio Salgado é o preferido nas urnas em vários municípios paranaenses nas eleições presidenciais de 1955. O fato causa surpresa e é tratado com ironia pela imprensa nacional. Apontar alternativas que contribuam para o esclarecimento do sucesso eleitoral de Plínio Salgado na região dos Campos Gerais, em municípios com contextos sócio-econômicos díspares, é o objetivo desse estudo. Para tanto, a abordagem proposta se estende dos anos 30 – implantação da AIB – aos anos 50 em que o ideário integralista reaparece formalmente através do PRP (Partido da Representação Popular), diferenciando-se da maioria das análises sobre essa temática que se prendem exclusivamente ao período que vai da implantação à extinção da AIB.

A AIB foi analisada a partir de diferentes perspectivas, principalmente entre 1940 – 1980, quando surgiram diversos trabalhos sobre o assunto. Nessa fase são predominantes as análises sobre a ideologia integralista, bem como explicações do movimento em sua dimensão nacional. São marcos dessa

* Doutoranda no Programa de Pós Graduação em História – UFSC. Orientador Prof. Dr. Artur César Isaia.

etapa as interpretações de Héglio Trindade, Gilberto Vasconcelos, José Chasin e Marilena Chauí, leituras obrigatórias para qualquer estudo sobre esse tema.

Recentemente os historiadores assumiram o integralismo como objeto de suas investigações procurando entendê-lo nas suas especificidades regionais. Constituem exemplos desse viés as análises de René Gertz e João Ricardo de Castro. O primeiro toma como campo de pesquisa as áreas de colonização alemã nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, já o segundo analisa a trajetória da AIB no Maranhão no período 1933 a 1937, momento em que os integralistas militaram na legalidade.

Outra proposta inovadora é a de Rosa Maria Cavallari que procura elucidar os mecanismos e estratégias de organização, divulgação, unificação e homogeneização do movimento. A autora se afiniza com Trindade pois considera que a AIB foi fortemente influenciada pelo fascismo europeu e se ampara em algumas proposições de Chartier na análise dos textos integralistas reunidos no Acervo Plínio Salgado de Rio Claro. Seu objetivo é explicar o processo rápido pelo qual o integralismo se transformou em partido de massa. Para ela "a mística do sofrimento" e o "prazer da luta" são elementos fundamentais da estratégia de convencimento adotada pelos integralistas.

Na visão de Cavallari, o integralismo se apresentava como movimento cultural capaz de guiar as massas para a maturidade. A cultura é entendida enquanto bem (posse de conhecimentos), podendo ser transmitida por aqueles que a possuíam. Nesse sentido, a análise das publicações integralistas é essencial para a compreensão do movimento. A autora classifica os textos integralistas a partir dos critérios estabelecidos pela direção do movimento, isto é, os livros publicavam as idéias dos teóricos e os jornais as popularizavam. A direção nacional da AIB controlava e normatizava as publicações de tal maneira que os jornais do interior reproduziam os de maior porte. Em função disso, os poucos elementos de diferenciação entre os jornais do norte e do sul do país foram as propagandas comerciais, as notícias sociais e as referências à política local. Cavallari aponta ainda como características marcantes da imprensa integralista a obediência ao mesmo padrão gráfico e o constante recurso a estratégias de persuasão (imagem da crise brasileira, tom emotivo e outros). Os integralistas são vistos nesta obra como uma "comunidade de leitores", pois lêem as mesmas obras, ouvem as mesmas idéias e adotam as mesmas atitudes. Os elementos de particularização indicados pela autora nos jornais do interior são objeto de interesse para estudos regionais, pois mostram os vínculos do movimento com a sociedade local.

Minhas reflexões sobre o integralismo se amparam nas leituras dos autores citados, a partir das quais esse fenômeno é entendido como um

movimento cultural e político, que mescla elementos do fascismo europeu a uma raiz brasileira, em que a variável étnica deve ser considerada sem exclusividade. O discurso integralista é visto como "normativo e programático-pragmático"¹ operando com imagens para garantir sua eficácia.

"A historiografia contemporânea tem demonstrado que, durante a Era Vargas, grande parte dos acontecimentos políticos em nível estadual era sempre caudatária daqueles que se originavam nos centros do poder. Neste sentido, o integralismo não foge à regra; o que não quer dizer que não tenha suas especificidades e desdobramentos diferenciados de acordo com o nível de desenvolvimento sócio-econômico de cada região ... É a partir de micro-histórias que emergem figuras cujos papéis ainda não foram devidamente considerados ..."

É em busca dessas especificidades e desdobramentos apontados por Maria Luiza Tucci Carneiro que se encaminha essa pesquisa, procurando compreender como os valores integralistas se incorporaram na complexidade das relações sociais nos Campos Gerais e no conjunto de suas representações. A resposta à questão apontada exige a análise da trajetória das ações e das idéias integralistas nos Campos Gerais observando-se os seguintes aspectos: as características regionais, o jogo político local, a reprodução da ideologia nacional do movimento, a repercussão do discurso integralista e de seus opositores, a composição social da AIB regional, as alianças e conflitos das diversas forças político-sociais, as estratégias empregadas para a expansão do movimento e a permanência do ideário integralista em outros discursos.

É indispensável para a realização dessa proposta o trabalho com os jornais integralistas da região, os jornais de maior circulação regional e os jornais institucionais (igreja, partidos, instituições culturais, grêmios etc.).

I – Terra de passagem

A ocupação do território paranaense se iniciou no litoral e pode ser dividida em três grandes fases: século XVII – ocupação do litoral e do planalto curitibano; século XVIII – conclui-se a ocupação dos Campos Gerais; século XIX – ocuparam-se os campos de Guarapuava e os de Palmas. Assim, até

¹ A esse respeito, ver: CHAUI, Marilena & FRANCO, Maria S. C. *Ideologia e Mobilização Popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, CECC, 1978.

meados deste século, o processo de interiorização se concluiu constituindo o chamado Paraná Tradicional.

A ocupação das terras dos Campos Gerais se iniciou na primeira década do século XVIII. Local propício para o desenvolvimento da pecuária (tendo o seu limite sul no vale do Rio Iguaçu e extremo norte demarcado pelo Rio Itararé), os Campos Gerais tornaram-se, então, paragem obrigatória na rota do comércio que levava gado e muares do Rio Grande para o abastecimento de São Paulo e das Minas Gerais.

A necessidade de abastecimento colonial tanto impulsionou o mercado interno brasileiro, possibilitando a gradativa integração das economias regionais, como favoreceu, também, a ocupação de regiões do interior paranaense.

A ligação inter-regional se fazia pelo Caminho do Viamão, que compreendia três rotas, sendo a via mais utilizada denominada Estrada Real, passando pelos campos de Vacaria, Lages, Campos Gerais e Itararé, chegando a Sorocaba.

“O povoamento dos Campos Gerais foi começado em 1704, por iniciativa dos nobres potentados paulistas José Gois de Moraes e Pedro Taques de Almeida, secundados por outros membros da ilustre linhagem, que no mencionado ano requereram grandes sesmarias no território paranaense, abrangendo desde a margem esquerda do rio Itararé às cabeceiras do Tibagi.”²

Ligadas ao tropeirismo, ainda no século XVIII, pequenas povoações começaram a surgir ao longo do Caminho das Tropas. Nos locais em que as tropas fixavam pouso, fazendo seus pequenos ranchos para descanso, trato e engorda do rebanho, ou esperando passar as chuvas e baixar o nível dos rios, logo surgia um ou outro morador, fundando casa de comércio, interessado em atender às necessidades dos tropeiros. Dessa forma, pequenas freguesias e vilas, como o Príncipe (Lapa), Palmeira, Ponta Grossa, Piraiá do Sul, Castro e Jaguariaíva, tiveram seu desenvolvimento inicial dependente das fazendas e do movimento das tropas.

Foi ao longo do século XIX que as vilas adquiriram uma conformação urbana, deixando de ser um complemento da vida rural. Tornaram-se centro de resolução de questões políticas e pólo de atração de populações, inclusive das fazendas. Diversificaram-se ali as atividades econômicas, conferindo-se-

² SILVEIRA, Ribas. *Fundação de Ponta Grossa*. S.d., s.p.

lhes uma dinâmica própria. Essa realidade emergente propiciou um novo ordenamento do convívio, com a instauração da Justiça e a elaboração de Códigos de Posturas, regulando o cotidiano do cidadão.

Sendo assim, as últimas décadas do Século XIX foram marcadas pela contraposição entre a consolidação dos núcleos urbanos e a retração da economia rural nos Campos Gerais. Essa economia que foi quase auto-suficiente e que oportunizou o poderio dos fazendeiros declina pouco a pouco viabilizando o desenvolvimento das cidades.

“Com a transformação do uso da propriedade, partilhada entre o criatório e a invernagem, com a predominância desta, que acompanhou a mudança do fazendeiro em tropeiro, e com a ampliação da economia monetária que a isso se seguiu, desenvolveu-se o comércio contra a auto-suficiência das fazendas, começando o predomínio das cidades.”³

Nascida sob a hegemonia das fazendas, Ponta Grossa crescia e tinha novas ambições: um teatro (1873), uma biblioteca (1876) indicadores do novo vigor e mentalidade arejada de seus habitantes. No início do século XX, a cidade respirava um “clima urbano” contando com bandas musicais que disputavam espaço para as apresentações, cinema, luz elétrica, associações beneficentes e hospital.

Esse clima é descrito por Raul Gomes na crônica “Ponta Grossa de Hoje”. As palavras do cronista retratam uma cidade pujante, movimentada: “à noite o povo flana nas ruas, penetra nas lojas, enche os três cinemas, freqüenta os clubs”⁴. Destaca ainda o espírito empreendedor da população que torna a iniciativa privada mais eficiente que a dos poderes públicos. O crescimento urbano traz novas necessidades à cidade: calçamento das ruas – para aliviar os problemas causados pelo pó e pela lama principalmente aos estabelecimentos comerciais; os serviços de água e esgoto – compatível com as novas concepções de higiene e conforto; a construção de um mercado e de um matadouro – com capacidade para atender às reais necessidades da população.

A importância da cidade provém em grande parte de sua localização estratégica: entroncamento rodo-ferroviário do interior do estado ligando as principais regiões econômicas e os centros políticos.

Decisivo mesmo para a vida da cidade-encruzilhada foi

³ BALHANA, Altiva P. et. alii. *História do Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1969.

⁴ Jornal “O Progresso”, 20 de julho de 1912.

a inauguração da estrada de ferro, em plena revolução federalista. Aliás, o revolucionário Gumercindo Saraiva encontrou em Ponta Grossa um acolhimento muito cordial, pois estar nos Campos Gerais era como estar em casa, nos pampas riograndenses, cercado de gaúchos, comendo churrasco, tomando chimarrão e cavalgando pelos campos. Em 1894, os trilhos da estrada de ferro vindos de Paranaguá atingiam a cidade. Em 1899 inaugurou-se a estrada de ferro São Paulo – Rio Grande com oficinas de manutenção em Ponta Grossa. Esta situação de entroncamento ferroviário fez com que Ponta Grossa entrasse no século XX com o pé direito. O progresso veio. Grandes engenhos de erva-mate, beneficiamento de couro e de madeira começaram a surgir. E olarias, pois não havia tijolo que chegasse. Veio gente de fora atraída pela promessa dos bons negócios.⁵ (sem grifo no original)”

Um estudo sobre a cidade revela que “as primeiras décadas do século XX constituem uma conjuntura extremamente favorável para a economia ponta-grossense”⁶, o que pode ser constatado pela elevação na arrecadação de impostos, pelas obras construídas nessa fase, quando da instalação de várias fábricas e estabelecimentos comerciais cujos proprietários, em grande maioria, eram imigrantes.

Migrações estrangeiras espontâneas e esporádicas sempre ocorreram para o território brasileiro. O grande movimento migratório oficial, contudo, só se verificou na década de 1870, quando para o Paraná vieram em grande número os russos-alemães. Em 1877/1878 chegaram em Ponta Grossa, 2.381 russos-alemães que se estabeleceram na Colônia Octávio, subdividida em 17 núcleos, afastados do centro urbano.⁷ A partir de então outros grupos foram chegando à cidade e a ela se integrando. Entre os de maior importância estão os poloneses, alemães, russos, italianos, sírios, austríacos e portugueses.

A presença desses imigrantes trouxe mudanças para as regiões paranaenses onde se instalaram, impulsionando sobretudo as atividades industriais. Essa atitude modernizadora ocorreu também em relação a outros

⁵ WANKE, Eno T. **O vôo da pombinha**. Ponta Grossa, 1964.

⁶ SILVA, Edson A. et alii. **O povo faz a História. Ponta Grossa 1920 – 1945**. Ponta Grossa: UEPG, Relatório de Pesquisa, 1994.

⁷ A esse respeito, ver: GONÇALVES, Maria A. e PINTO, Elisabete. **Ponta Grossa, um século de vida 1823 – 1923**. Castro: Kugler, 1983.

setores como comércio, transportes e cultura. Tais atividades muitas vezes ocorreram em função das dificuldades com a atividade agrícola que os levavam a migrar para a zona urbana. A cultura alemã, na visão de muitos autores, apresenta um caráter associativo, o que incentivou a fundação de clubes e associações em muitas cidades paranaenses, entre elas Ponta Grossa. Nessa cidade as iniciativas para a fundação de um clube dos alemães data de 1896.⁸

O crescimento econômico de Ponta Grossa levou-a à condição de pólo regional no Paraná (1920/1945) exercendo grande influência na sua área de abrangência. Ocupou a posição de segunda cidade do Estado, contando com 38.417 habitantes, e apresentava um cenário moderno no que se refere às construções públicas ou privadas.⁹ A posição de destaque da cidade se configura com a criação do Bispado em 1926 cuja diocese compreendia doze paróquias.

De acordo com o relatório do prefeito Albary Guimarães, que administrou a cidade de 1934 a 1944, verificaram-se transformações na cidade evidenciadas por dados, tais como: aumento dos investimentos na área de educação, ampliação e construção de edifícios públicos, melhorias nas áreas de saúde com a criação da Maternidade Pública e de cinco Postos de Puericultura e de saneamento básico, reforma e remodelação dos logradouros, ampliação da iluminação pública atingindo os três principais bairros de Ponta Grossa (Nova Rússia, Oficinas e Uvaranas), calçamento poliédrico nas principais ruas da cidade, crescimento do patrimônio predial da cidade que atingiu 6.958 construções em 1.944.

O crescimento de Ponta Grossa nas primeiras décadas do século XX se inscreve num contexto nacional de desenvolvimento econômico e urbanização que favorece sobretudo as regiões sudeste e sul do país. Esse desenvolvimento resulta de uma conjugação de fatores como capital, mão-de-obra, mercado relativamente concentrado, matéria prima disponível e barata, capacidade energética e um sistema de transportes ligando as zonas de produção aos portos.

“Paralelamente à crise das regiões agrícolas de culturas tradicionais, as regiões economicamente com o melhor desempenho atraem contingentes populacionais marginalizados pela manutenção da estrutura latifundiária. Se uma parte dessa população migra para o campo, uma outra

⁸ A esse respeito, ver: LAVALLE, Aída Mansani. *Germânia-Guaíra: um século de sociedade na memória de Ponta Grossa*. Ponta Grossa: UEPG, 1996.

⁹ IBGE, Censo de 1940.

parte sente-se atraída pelas cidades. Entre estas aquelas que são capitais regionais ou que representam etapas importantes dos corredores de exportação são as que mais atraem pela perspectiva de emprego que podem oferecer.¹⁰

Esse quadro não tem a mesma plenitude em toda a região dos Campos Gerais. Algumas cidades, como Castro, ao contrário de Ponta Grossa, perdem importância regional. Apesar das diferentes condições econômicas os municípios dessa região apresentavam um quadro político semelhante nos anos 30.

II – Os “camisas-verdes” em diferentes textos

No início do Século XX o Paraná acabara de definir suas fronteiras, apresentava grandes vazios demográficos e recebia levas de imigrantes de diversas etnias. Além dessa situação específica havia todo um contexto de mudança na esfera nacional com o fim da monarquia. Assim como o Brasil, o Paraná necessitava definir-se para si e para os outros. Convictos dessa necessidade intelectuais como Nestor Vitor, Romário Martins e Rocha Pombo, conceberam o chamado “Movimento Paranista”. Este movimento foi fortemente influenciado pelas idéias positivistas e buscava construir a imagem do Paraná progressista.¹¹

A conjuntura econômica favorável em Ponta Grossa nos anos 20 – 30 possibilitou um discurso de enaltecimento à cidade similar ao do Movimento Paranista. Artigos do jornal Diário dos Campos apresentam uma imagem idealizada da cidade e projetam um futuro promissor.

A análise dos discursos e símbolos expressos no Diário dos Campos em momentos significativos da década de 30 permite destacar alguns pontos sobre o imaginário social¹² da cidade : o apoio às administrações de Albary Guimarães, Manoel Ribas e Getúlio Vargas, a imagem de Ponta Grossa como cidade ideal, o intenso embate entre liberais, comunistas e integralistas.¹³ O enfoque dado nesse jornal aos movimento políticos locais demonstra que o Integralismo tinha grande repercussão na cidade.

¹⁰ MONTEIRO, Hamilton de M. O aprofundamento do Regionalismo e a crise do modelo liberal. IN: LINHARES, Maria Yedda (Org.). **História Geral do Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

¹¹ A esse respeito, ver: PEREIRA, Luis R. L. Paranismo: Cultura e Imaginário no Paraná dos Anos 20. IN: **Cultura e Cidadania V. 1**. Curitiba: ANPUH, 1996.

¹² A esse respeito, ver: BACZKO, B. In: **Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985.

¹³ A esse respeito, ver: CHAVES, Niltonci B. **O Diário dos Campos. Discursos e Representações Sociais em Ponta Grossa – Paraná. Década de 1930**. Assis: UNESP, Dissertação de Mestrado, 1998.

O Diário dos Campos, o mais expressivo meio de comunicação de Ponta Grossa na primeira metade do século XX, publicou centenas de artigos e notícias a respeito do integralismo ao longo da década de 1930. Os textos se referiam ao movimento na esfera nacional, regional e local. Notícias sobre os “camisas verdes” ponta-grossenses informando sobre suas atividades cotidianas e articulações políticas expressavam a opinião dos editores contrários a esse movimento.

Propriedade de José Hoffmann, um católico liberal, descendente de russos-alemães, o Diário caracterizou-se pelo combate às “idéias exóticas” expressas por movimentos como o comunismo e integralismo. Dessa forma, absteve-se de publicar artigos doutrinários e propaganda integralista em suas páginas.

A posição desse jornal partiu sempre de alguns princípios defendidos por Hoffmann. O Integralismo era visto como desrespeito à ordem social e às autoridades constituídas, como mera reprodução de modelos políticos externos, como inadequado à índole pacífica do povo brasileiro. No Diário também pesava sobre o integralismo a acusação de que este levaria o país à ditadura extrema. Seus militantes eram apresentados como extremistas, fanáticos, violentos, agentes do nazismo envolvidos em conspirações e ações reprováveis.

O Integralismo teve grande aceitação no Sul do Brasil, onde se encontravam muitas colônias alemãs e italianas. No Paraná, o movimento difundiu-se rapidamente nas principais cidades do Estado como Curitiba, Ponta Grossa, Guarapuava e também teve grande repercussão em municípios menores nos Campos Gerais como Castro, Piraí, Jaguariaíva e outros.

“Ponta Grossa constituiu-se em uma das cidades onde o integralismo melhor se estruturou no Paraná, contando com grande número de italianos e alemães” e seus descendentes” em sua composição populacional na década de 1930 e possuindo uma população majoritariamente fixada na zona urbana, o que facilitava as discussões de idéias, a circulação de notícias e a organização de associações das mais diversas formas. Enfim, o integralismo encontrou na cidade um local propício para a sua disseminação.¹⁴”

A AIB organizou-se em Ponta Grossa nos fins de 1932 e, até sua extinção

¹⁴ Idem, p. 179.

em 1938, contou com três chefes : Estevam Coimbra, Emmanuel Bittencourt Corrêa de Castro e Benjamin Mourão. O núcleo local da AIB contava com mais de 500 filiados e grande número de colaboradores e simpatizantes.

Em 1935, nas eleições municipais, a AIB elegeu quatro vereadores : Albino Wiecheteck, industrial; Olímpio de Paula Xavier, advogado e membro de família tradicional ponta-grossense; Antônio Dechandt, comerciante e Adelino Machado de Oliveira, contador. Esse fato demonstra a repercussão do ideário integralista na cidade, uma vez que foram eleitos apenas 8 vereadores nessa ocasião.

A AIB mantinha a sede principal numa das ruas mais movimentadas de Ponta Grossa e subsedes nos principais bairros da cidade. Entre estas destacava-se pela atuação a do bairro da Nova Rússia, importante pelas atividades industriais e comerciais nos anos 30. Essa subsede era chefiada por Pedro Dihl, industrial do ramo de bebidas de descendência alemã e por Waldemar Hoffmann, de origem alemã e antigo militante do Partido Hitlerista de Ponta Grossa. Para divulgar suas idéias os integralistas publicavam revistas e jornais : INVICTA, revista mensal, pequeno formato, 16 páginas, orientação católica e integralista, dirigida por Vulmeron B. Marçal, tendo como redator João Cecy Filho; A RAZÃO, semanário independente, pequeno formato, 10 páginas, orientação integralista, dirigida por Princelívio Miranda.

Os camisas-verdes também organizaram uma rádio localizada no centro da cidade. Essa iniciativa coube a Abílio Holzmann, comerciante de origem alemã, que adaptou suas instalações comerciais para abrigar a emissora. A Rádio Verde teve duração efêmera, pois, fundada em 1937, foi proibida de funcionar em dezembro do mesmo ano com a implantação do Estado Novo.

O Diário dos Campos além de comentar e criticar as ações integralistas na cidade divulgava a postura de instituições como a Maçonaria e a Igreja Católica, também contrárias ao movimento. A partir de 1937, essas críticas tornam-se mais intensas pois a Igreja Católica assume oficialmente uma postura contrária ao Integralismo e condena o envolvimento de seus fiéis com essa doutrina.

A opinião da Igreja Católica parecia importante também para os seguidores do Integralismo. O Jornal O Legionário menciona em alguns de seus exemplares a adesão de sacerdotes ao movimento e o apoio de setores da Igreja. Percebe-se que havia certa tensão entre os católicos em relação ao movimento camisa-verde.

O Diário dos Campos deu grande destaque às ações integralistas em Ponta Grossa no primeiro semestre de 1938, período que envolve a deflagração da intentona, a repressão ao movimento, a prisão dos envolvidos

e a condenação de onze integralistas locais. Entre os enquadrados no artigo 4º da Lei de Segurança Nacional como líderes da conspiração em Ponta Grossa estão: Benjamin Mourão (Chefe Municipal do Integralismo), Luiz Cundari (funcionário da Cia. Prada de Eletrificação), Valentim Coelho (correspondente do Correio do Paraná), Pedro Dihl (proprietário de fábrica de bebidas), Bertholdo Ditzel (comerciante), Odilardo Lima Freitas (funcionário do Banco do Brasil), Olímpio de Paula Xavier (advogado), Antero Machado de Mello (sócio-proprietário da Farmácia ContiMello), Elysis Rodrigues da Rocha (ferroviário) e outros.

Em seus comentários sobre a fracassada intentona o *Diário dos Campos* enfatizava o antagonismo entre integralistas e aliancistas na cidade, conferindo um caráter alarmista na exposição de planos e objetivos da rebelião.

Derrotados, postos na ilegalidade, os integralistas desaparecem das páginas do *Diário dos Campos* nos anos 40. Nesse período o jornal privilegia as manchetes sobre a Segunda Guerra e o grande inimigo passa a ser o comunismo. Inúmeras matérias sobre essa temática são publicadas nesse espaço.

Muitos dos antigos militantes e simpatizantes do integralismo passam a atuar na imprensa local e a participar de diferentes instituições. Continuam, portanto, atuando como formadores de opinião junto à comunidade pontagrossense. O Centro Cultural Euclides da Cunha fundado em 1948 abrigou um número significativo de integralistas e simpatizantes entre seus associados. O Centro Cultural Euclides da Cunha foi "uma sociedade civil destinada a congregar intelectuais, prestando-lhes apoio cultural e moral, cooperando assim, para o desenvolvimento da literatura, das ciências e das artes, bem como estimular o intercâmbio de idéias com o resto do país e das Américas".¹⁵

Para a consecução de suas finalidades, o Centro explicita em seu estatuto as suas atividades primordiais: realização de cursos, conferências, palestras e reuniões culturais; divulgação de obras científicas, literárias e artísticas nacionais e dos demais países americanos; publicação de um jornal trimestral; organização de uma biblioteca e sala de leitura; realização de maratonas intelectuais periódicas para estimular na juventude o gosto pelas ciências, letras e artes.

O Centro Cultural Euclides da Cunha veiculou seu ideário principalmente pelo jornal *O Tapejara*, dirigido pelo professor Faris Antônio Salomão Michaele, presidente da associação. De circulação bimestral, o jornal sempre foi distribuído gratuitamente no Brasil, na América e em alguns países

¹⁵ Estatuto do Centro Cultural Euclides da Cunha.

européus para entidades e instituições culturais.

Nessa abordagem ao periódico euclidiano procura-se compreender a visão de mundo desses intelectuais expressa nas diferentes temáticas apresentadas, a maneira como os grupos e os indivíduos olham a realidade circundante e expressam esse olhar. O ideário dos intelectuais euclidianos apresentado no Tapejara revela o lugar social e as concepções que orientaram a sua produção. Neste texto apresento, a partir da análise temática do periódico, os elementos definidores da concepção que norteia a produção desse grupo de intelectuais.

O Tapejara foi editado entre 1950 e 1976 e destinava-se a um público selecionado, associados do CCEC, estudantes universitários, integrantes de outras instituições culturais, considerados interlocutores ideais para a mensagem veiculada. O jornal era também um fator de integração de uma rede de solidariedade que tendia a se estreitar cada vez mais.

A análise dos principais temas abordados no jornal permite a interpretação dos conceitos empregados por estes intelectuais e a forma como foram incorporados e divulgados.

O primeiro número do jornal foi editado em 3 de setembro de 1950 e o último (nº 24) em 1976. Além do professor Faris, compunham a equipe de redatores: Daily Luiz Wambier, João Alves Pereira, Rolando Guzzoni, Álvaro Augusto da Cunha Rochas, Guaraci Paraná Vieira, Raul Gomes, Heitor Ditzel, Ribas Silveira, Lourival Santos Lima, Pedro P. Martins, Thiago Gomes de Oliveira, Eno T. Wanke, Ovídio Gasparetto, Manoel Grott, intelectuais reconhecidos no cenário cultural ponta-grossense.

O Jornal, ao longo de 26 anos, manteve suas características e objetivos, ampliando o número de seções e de páginas (de 4 para 20). Do primeiro ao último Tapejara depara-se com a mesma linha editorial: resenhas, crônicas, poesias, artigos, notas e notícias culturais, página de folclore, bibliografia.

Na análise dos artigos procurei preservar o ideário euclidiano, situando-o num contexto mais amplo e contrapondo-o a outras visões. O tema será entendido como "unidade de significação que se liberta naturalmente de um todo analisado"¹⁶, cuja validade tanto pode ser lingüística, como psicológica ou histórica. O critério de escolha foi o destaque dado ao assunto no conjunto do periódico. Entre os principais temas abordados pela publicação encontram-se a vida e a obra de Euclides da Cunha, o indianismo, o nacionalismo, o indo-americanismo, a questão racial e a cultural.

Ao analisar essas questões, pude perceber uma certa afinidade entre o discurso desses euclidianos e o dos integralistas. Exemplificam essa afirmação:

¹⁶ A esse respeito, ver: BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

a concepção de cultura enquanto um bem a ser transmitido de quem tem mais para quem tem menos; a preocupação com a educação das massas; a visão redentora da educação; o culto aos heróis; o respeito à hierarquia; a defesa da ordem social; o nacionalismo; a crítica às elites nacionais responsabilizando-as pela crise do país; o tom emocional apelando aos sentimentos de honra e civismo; as críticas ao comunismo e ao liberalismo a partir de um traço comum – o materialismo; o apelo aos jovens como responsáveis pelo futuro da nação.

Essa afinidade constatada permite afirmar que os valores pregados pelos integralistas compõem o imaginário de outros grupos e permite supor que isso contribuiu para o sucesso do movimento nos anos 30 e possibilitou ao discurso de Plínio Salgado nos anos 50 alcançar ressonância nos Campos Gerais. Tal suposição se apóia no seguinte argumento : alguns valores integralistas são bem aceitos por diversos setores sociais e permeiam diferentes discursos. No momento está se analisando apenas aquele do CCEC por ser essa instituição bastante representativa em Ponta Grossa e na região. O centro congregava diferentes perfis ideológicos e culturais (professores, advogados, militares, estudantes etc.), defendia a neutralidade política e a pluralidade de idéias mas produziu um discurso homogêneo fundamentado nos princípios já apontados. Seus integrantes participaram ativamente da vida sócio-cultural da região e vincularam-se a movimentos de envergadura nacional como o euclidianismo e o folclorismo.

Esses “intelectuais de província”¹⁷ integravam inúmeras associações culturais e através de seminários, simpósios e correspondências estreitavam seus vínculos.

Os membros do CCEC podem ser vistos como “intelectuais públicos” na perspectiva de Jacoby, isto é, aqueles escritores e pensadores que publicavam através de pequenas editoras, em revistas e jornais locais para o leitor culto mas não especializado. As suas obras atingiam, portanto, públicos com diferentes filtros culturais e se disseminavam de forma ampla na sociedade. Assim, as idéias integralistas não submergem no imaginário social com a repressão ao movimento, mas circulam através de outras mediações. Isso constitui aspecto significativo na compreensão da ressonância dos discursos de Plínio Salgado em contextos diferenciados.

¹⁷ A esse respeito, ver: VILHENA, Luis R. Os intelectuais regionais: os estudos de folclore e o campo das ciências sociais nos anos 50. In: *RBCS*, nº 32, out. 1996.

III – Os “camisas-verdes” em outros tons

Em 1945, a experiência estadonovista chega ao fim afastando Vargas e, no plano estadual, seus representantes, os interventores. O país ingressou num processo de democratização que envolvia a organização dos partidos e a realização de eleições. As alianças político-partidárias, a partir dessa data entre as três grandes agremiações PTB, PSD, UDN, não são retílineas pois as variações conjunturais possibilitam diferentes ligações. Contudo pode-se dizer que “a adesão nacionalista se canalizava para o campo PSD-PTB” e o setor exportador buscava expressão partidária na UDN.

Após o suicídio do presidente os conflitos entre oposição e governo são re colocados : o PTB recupera prestígio, confere um conteúdo nitidamente ideológico ao partido e se aproxima dos comunistas na luta antiimperialista. Já a oposição se agrega em torno do combate ao estadonovismo, ao comunismo e ao radicalismo em geral. O PSD paulatinamente assume uma posição de centro e passa a analisar a partir deste enfoque as possíveis alianças com fins eleitorais.¹⁸

Em 1950, no Paraná, Bento Munhoz da Rocha Netto, em coligação liderada pela UDN, elege-se governador com 63% dos votos, em vitória esmagadora. A ascensão de Bento significou, em certa medida, o retorno à cena política das famílias que governavam o Estado antes da Revolução de 30 e que expressavam os interesses de setores significativos da economia local – grupo ervateiro e madeireiro – excluídos por Vargas.

Interpretações consagradas na historiografia brasileira afirmam que, em 30, os setores tradicionais de nossa economia foram afastados abrindo espaço para os modernos. O Paraná constitui uma exceção a esse processo. pois aqueles que ensaiavam experiências industrializantes (Munhoz da Rocha, Camargo) foram afastados, e os grupos ligados à pecuária, economia tradicional, ocuparam o poder. Portando, Bento e a conservadora UDN significaram nesse contexto a “modernidade” local.¹⁹

Nas eleições de 1955, novamente o Paraná apresenta um quadro peculiar : Lupion (PSD, PDC, PTN) retorna ao governo estadual e nas eleições presidenciais, Adhemar de Barros é o favorito e o integralista Plínio Salgado obtém expressiva votação (28%) sendo o mais votado em cidades como Curitiba, Ponta Grossa, Rio Negro, Lapa, Cambé etc. Em Ponta Grossa, cidade pólo dos Campos Gerais, o líder integralista recebeu

¹⁸ A esse respeito, ver: BEIGUELMAN, Paula. O processo político partidário brasileiro de 1945 ao plebiscito. In: MOTA, Carlos G. (Org.). **Brasil em perspectiva**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

¹⁹ A esse respeito, ver: PAZ, Francisco M. **As artimanhas da política**. Curitiba: Prephácio, 1990.

proporcionalmente sua maior votação . O resultado da urnas, em Curitiba, é explicado por Szvarça e Cidade em função de eleitores de Plínio Salgado serem encontrados em diversos segmentos sociais, pela existência de acordos entre candidatos ao governo do Estado e à Presidência , pelo passado integralista da cidade e pelo desprezo dado à sua candidatura pela imprensa. Concluem ainda que não se pode estabelecer uma ligação direta entre a expressiva votação de Plínio Salgado na Capital e outras regiões do Estado.

O Paraná nos anos 50 está em busca de sua identidade regional com um crescimento vertiginoso da sua população, a ampliação de suas fronteiras e o impulso econômico da lavoura cafeeira. A terra roxa e o café fazem a riqueza e a importância política de sua região norte. Curitiba vivencia plenamente esse contexto que se materializa na construção de diversas obras públicas (Biblioteca Pública, Teatro Guaíra, Centro Cívico etc.)”a Curitiba da década de 50 altera sua trajetória de pacata capital de província. Centro do ”Paraná Tradicional”, com tradições campeiras e extrativistas, defronta-se com um novo ritmo de vida, que interfere no seu mundo tido como conhecido e seguro” .²⁰

Para os autores já referidos, Salgado preserva a essência autoritária do pensamento integralista que encontra ressonância no contexto de mudança e instabilidade do Paraná da década de 50, principalmente entre as classes médias. Convincentes, as variáveis por eles apontadas não esclarecem plenamente a aceitação das propostas plinianas nas eleições de 55 nos Campos Gerais.

Enfim, aponta-se como um dos fatores constitutivos desse processo a apropriação e a divulgação de parte dos princípios defendidos pelos integralistas por outros grupos sociais.

O espírito conservador e autoritário do Integralismo encontra adesão entre os antigos simpatizantes e/ou militantes e entre aqueles que viam na ordem e na autoridade elementos necessários à superação efetiva da crise brasileira e a possibilidade de estabilização política e crescimento econômico.

²⁰A esse respeito, ver: SZVARÇA, Décio e CIDADE, Maria L. 1955: O voto verde em Curitiba. In: **História Questões e Debates**. Curitiba: Vicentina, 1989.